

Lucy Dillon



lições inesperadas sobre o amor

*"Adorável e redentor, o tipo de
leitura que faz você querer
aproveitar melhor a sua vida."*

– JOJO MOYES, autora de
Como eu era antes de você



Título original: *Unexpected Lessons In Love*
Copyright © 2019 por Havercroft Ltd.
Copyright da tradução © 2021 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Alessandra Esteche
preparo de originais: Sheila Louzada
revisão: Luis Américo Costa e Suelen Lopes
projeto gráfico e diagramação: Natali Nabekura
capa: Renata Vidal
imagem de capa: Lisa Glanz | Creative Market (cãozinho);
studioimagen | Freepik (balões de coração)
impressão e acabamento: Bartira Gráfica

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D574l

Dillon, Lucy, 1974-

Lições inesperadas sobre o amor / Lucy Dillon ; [tradução Alessandra Esteche]. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2021.
336 p. ; 23 cm.

Tradução de : *Unexpected lessons in love*
ISBN 978-65-5565-079-2

1. Ficção inglesa. I. Esteche, Alessandra. II. Título.

20-68104

CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para todas as pessoas que já ouviram aquela voz bem baixinha...
e tiveram coragem de seguir seu conselho.*

Prólogo

Ponte do Brooklyn, outubro

Jeannie caminhava com Dan cobrindo os olhos dela, mas não estava preocupada. Naquele instante, naquele momento borbulhante como champanhe, sentia-se repleta de uma felicidade que jamais imaginara possível.

Até então, o fim de semana prolongado em Nova York vinha sendo uma surpresa romântica atrás da outra. Dan tinha planejado a viagem em segredo, mas escolheu tudo que Jeannie teria escolhido: uma manhã passeando pelas lojas vintage do Chelsea Market, uma tarde pisando em folhas cor de cobre e tomando chocolate quente no Central Park. Drinques e ostras, os típicos táxis amarelos e as luzes multicoloridas da Times Square, beijos discretos no metrô lotado – cada segundo era como se os dois estivessem estrelando o próprio filme.

O hotel era tão maravilhoso que ela poderia passar o fim de semana inteiro naquele minúsculo quarto chiquíssimo, com tapetes macios e iluminação suave. E, é claro, com Dan. Só de pensar na pele bronzeada dele em contraste com a roupa de cama branquíssima, Jeannie sentia uma onda quente de felicidade. *Alguns* pontos altos da viagem ela não contaria à mãe quando voltasse para casa.

Aquele dia, o último, começara com ovos e café numa lanchonete. Depois, participaram de um tour a pé pelo centro da cidade, visitando locais que um dia foram frequentados por suas ídolas pop dos anos 1980. Dan pacientemente tirou selfies dos dois em frente ao lugar onde a banda Blondie costumava ensaiar e no apartamento onde Madonna *morou*. Eram só

tijolos e janelas, claro, mas, para Jeannie, aquelas ruas eram o local em que fora criada a trilha sonora de sua vida, composta por músicos que um dia lutaram pelo reconhecimento assim como ela fazia agora. Sua alma se elevou enquanto o guia do passeio contava os obstáculos e os sucessos daqueles artistas, e Jeannie beijou Dan com um amor cheio de gratidão, imaginando se ele fazia ideia de como era importante para ela o fato de ele claramente ter ouvido as coisas que ela *não* disse.

Estavam agora na ponte do Brooklyn. Dan lhe prometia a vista mais linda do mundo em apenas mais um, dois, três passos.

– Chegamos – disse ele finalmente, mas sem tirar as mãos dos olhos dela.

Com as mãos pequenas porém capazes de voar pelo braço do ukulele, Jeannie segurou os dedos longos do namorado. Ele tinha mãos fortes e hábeis de veterinário, mãos que tratavam cães feridos e traziam bezerros ao mundo. Uma brisa fresca soprava do rio lá embaixo e entre Dan e Jeannie havia um brilho dourado-rosê.

Ela deixou o corpo cair contra o dele, desejando que aquele momento não acabasse nunca. A luz do sol sumia no céu e Jeannie sentia sua alma entoar uma música, como um eufórico canto de pássaros correndo por suas veias. Sua melhor amiga, Edith, dizia que uma felicidade assim era impossível na vida real, mas pela primeira vez Edith Constantine estava errada. *Muito* errada.

– Pronto? – perguntou Dan com um leve tom de provocação.

De repente ela torceu para que ele não a tivesse levado até a beirada da ponte. Não lidava bem com altura. Tentou lembrar se já tinha dito isso a ele – às vezes ela esquecia que ainda não tinham chegado ao estágio do relacionamento em que cada um tem um manual bem chato sobre o outro. Alergia a marzipã, medo de corvos... essas coisas que a gente só conta quando já acabaram as coisas interessantes.

– Tcharam!

Dan enfim tirou as mãos do rosto dela. Jeannie ofegou quando o horizonte iluminado de Manhattan surgiu à sua frente, um mosaico em preto e prata de luzes e torres brilhando ao crepúsculo.

– Uau!

Ela se virou ainda nos braços de Dan, ficando de frente para ele. Dan era bonito de qualquer ângulo. A brisa jogava seu cabelo louro nos olhos, aqueles olhos de um azul-escuro incomum, e Jeannie precisou convencer a

si mesma de que aquela era realmente sua vida. Era tudo perfeito demais, romântico demais para ser verdade. Mas era. Era amor, enfim.

– Estou tão feliz! – deixou escapar.

Para seu encanto, os olhos de Dan brilharam tanto quanto os dela. Ele apenas piscava, como se também não conseguisse acreditar na perfeição daquele momento.

Foi então que aconteceu. Em um movimento que pareceu em câmera lenta, Dan a soltou, deu um passo para trás e se ajoelhou. Algumas pessoas que caminhavam ali pela ponte desviaram fazendo cara feia, mas outras entenderam o que estava acontecendo e pararam para ver, com um sorriso cúmplice.

Jeannie levou um instante para se dar conta. Não, espera aí. Aquilo era... o que ela achava que era? Seu coração batia forte. Dan estava prestes a pedi-la em casamento? Ela nem tinha ousado imaginar isso e agora estava acontecendo. Um pedido de casamento... era algo que só acontecia uma vez. Na vida toda.

De repente, Jeannie se sentiu tonta, como se Dan a tivesse levado até a beirada da ponte.

– Jeannie McCarthy – começou ele, e agora havia pessoas em volta, reunidas em grupos –, eu sei que a gente se conhece faz só cinco meses, mas foram os cinco meses mais felizes da minha vida. Você quer se casar comigo?

Manhattan se erguia atrás de Dan como uma multidão desejando felicidade, sorrindo para o casal apaixonado, suas luzes brilhando como estrelas. Câmeras de celulares foram levantadas discretamente, as pessoas em volta prenderam a respiração aguardando o desfecho. Jeannie sentia que toda a cidade de Nova York esperava sua resposta.

Dan a fitava com aqueles olhos azuis desconcertantes. Ele era lindo, inteligente e a tinha levado a Nova York para pedir sua mão em casamento. Jeannie agitou o corpo para sair do transe. O que mais poderia querer?

Antes que sua mente lhe desse a resposta, ela já abria a boca para responder:

– Sim!

Todos em volta aplaudiram.

Capítulo 1

Maio do ano seguinte

Jeannie McCarthy estava a vinte minutos e 6 quilômetros da prefeitura de Longhampton quando lhe ocorreu o primeiro pensamento que não conseguiu ignorar a respeito do casamento.

O pensamento era: *Não consigo respirar.*

Para ser honesta, parte da sensação de claustrofobia em seu peito se devia ao vestido de noiva apertado. Parecia recém-saído de um conto de fadas, com anáguas de tule que sussurravam a cada movimento do corpo e delicadas rosas cor de marfim salpicadas pelo corpete de cetim com decote em formato de coração. Não era algo que normalmente escolheria – seu estilo estava mais para calça larga e, dependendo do clima, coturnos –, mas tinha ficado tão impressionada com a imagem elegante no espelho que a escolha de alguma forma lhe pareceu inevitável. O vestido ficou *perfeito*, ela parecia uma noiva de verdade. A assistente da loja cobriu a boca com a mão enluvada enquanto a dona vinha correndo até o provador, a taça comemorativa de espumante a postos.

– É esse – decretou a dona da loja, suspirando e assentindo com veneração.
– Confie em mim, querida, esse é o seu vestido.

Parecia coisa do Destino que Jeannie tivesse encontrado O Vestido, logo o *primeiro* que experimentou. Mas também tinha parecido coisa do Destino que Dan fosse a primeira pessoa a mandar mensagem na noite em que ela desistira de encontrar o Cara Certo à moda antiga e entrara, relutante, em um site de namoro. Do primeiro encontro até o dia do casamento passou-se

apenas um ano. Nem um só minuto desperdiçado. Ou, como disse a dona da loja, assentindo mais uma vez: “Quando a gente sabe, a gente sabe.” Tudo tinha acontecido muito rápido. Muito, muito rápido.

É claro que o outro motivo para aquele aperto no peito era a percepção crescente de que estava prestes a cometer um erro gigantesco.

Quando tentou respirar fundo mais uma vez, ela quase engasgou. O corpete justo não permitia encher os pulmões direito, e Jeannie tinha quase certeza de que a falta de oxigênio estava começando a afetar seu cérebro. Não respirava fundo desde que o corpete fora fechado, na suíte nupcial, e agora sentia a cabeça girar. A taça gelada de champanhe que colocaram em sua mão antes de sair da suíte não tinha ajudado. “Só para você relaxar!”, dissera o dono do hotel com um sorriso. Mais bebida. O pai terminou a taça por ela.

Sra. Hicks. Jeannie Hicks.

Parecia o nome de uma estranha.

Antes das três, ela seria a Sra. Jeannie Hicks para o resto da vida. Jeannie McCarthy, cantora e compositora, professora, filha, passaria a ser... outra mulher.

O pânico subiu como um foguete por sua garganta, deixando um rastro amargo de poeira cósmica. Jeannie engoliu em seco, mas a queimação não desapareceu. Ela olhou discretamente o pai, Brian, sentado ao seu lado no banco traseiro do carro, mas ele estava virado para a janela, ensaiando baixinho seu discurso, parando e sorrindo de vez em quando em resposta aos risos imaginários.

É nervosismo, Jeannie disse a si mesma. É só nervosismo. Isso é normal, é sinal de que você está levando a sério o conceito do casamento, todos os blogs dizem isso. O compromisso. O compromisso eterno com outra pessoa, na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, etc., etc.

Ela se recostou no assento de couro do único Rolls-Royce Silver Shadow da cidade e tentou fazer o oxigênio chegar aos pulmões, respirando o mais fundo que o corpete permitia. Foi só um golinho de ar. Como a mordidela nos ovos mexidos no hotel. A piscadela de sono na noite anterior. Nada daquilo era suficiente para lidar com o iceberg de humilhação que se aproximava.

Jeannie se forçou a se concentrar no que devia estar acontecendo naquele momento na prefeitura. Dan certamente estava esperando por ela, recebendo os convidados com seu sorriso confiante. Podia vê-lo: o cabelo

louro recém-cortado brilhando ao sol, elegante e esguio no terno novo – feito sob medida, azul-escuro, o colete combinando. Estaria dizendo algo engraçado a cada convidado enquanto mantinha a mãe calma e o fotógrafo atento, porque, ao contrário dela, Dan conseguia fazer umas quinze coisas ao mesmo tempo e previa tudo com tanta exatidão que Jeannie às vezes suspeitava que ele fosse vidente.

Mas apostava que ele não fazia a menor ideia do que se passava na cabeça dela agora. Jeannie sentiu um frio na barriga. O que *ele* estaria pensando? Será que também estava tendo dúvidas?

Jeannie olhou pela janela, contemplando as cercas vivas que passavam conforme o carro a levava para cada vez mais perto da prefeitura. *Queria poder voltar no tempo para hoje de manhã e fazer tudo diferente.*

Não, para a manhã do dia anterior.

Não era suficiente.

Para uma semana antes?

Queria poder voltar um ano, Jeannie desejou com fervor. Assim não estaria prestes a magoar tantas pessoas.

Mas a ideia de nunca ter conhecido Dan... Seu estômago se revirou. O que deveria fazer?

– Tudo bem aí? Esses carros velhos são um pouco desconfortáveis, né, querida? Está preocupada com o penteado?

A mão do pai buscou a dela e o aperto reconfortante dos dedos compridos de Brian fez com que Jeannie sentisse vontade de chorar.

– Daqui a pouquinho você vai estar lá. Estamos chegando.

Ela se virou para o pai com cuidado, temendo mexer a cabeça muito bruscamente e os grampos da tiara se cravarem ainda mais fundo em seu couro cabeludo. Mais uma coisa que ela não esperava usar no casamento: uma tiara. Sempre achou que usaria uma coroa de flores e se casaria na fazenda da família em Dumfries, debaixo de um carvalho, com uma banda de *cèilidh*. Mas ali estava ela, a caminho da prefeitura da cidade para a qual tinha se mudado com o futuro marido apenas uma semana antes. Dan conseguira um emprego no hospital veterinário local. Seria mais fácil, decidiram, organizar um casamento e uma mudança no mesmo lugar. Um novo começo juntos, um salto corajoso em direção ao desconhecido, de mãos dadas.

Não é nada como imaginei que seria, pensou ela com certo distanciamento. Nada. Exceto o pai e o carro. Ele sempre dissera que a levaria até o casamento em um Rolls-Royce. O que só parecia piorar as coisas.

– Tem certeza de que está tudo bem, querida?

Brian tinha se virado para ela. Seu corpo magrelo nadava em um terno que parecia pertencer a outra pessoa. Jeannie não lembrava quando tinha sido a última vez que vira o pai de terno. Só o vira de gravata uma vez, quando seu carneiro campeão conheceu a condessa de Wessex na Exposição Real Galesa.

– Eu estou bem!

As palavras saíram pegajosas, o brilho labial cor-de-rosa emitindo um estalido.

– Você falou de um jeito que...

Ele não terminou a frase, a testa franzida, confuso.

Diga alguma coisa, gritou a voz na cabeça de Jeannie, mas ela não conseguia. Sua cabeça parecia estar cheia de algodão, incapaz de assimilar aquele desejo avassalador de parar, parar, *parar aquilo tudo*.

Uma garotinha na beira da estrada viu o carro com a fita branca tremulando no símbolo prata do Rolls-Royce preto reluzente e acenou para eles.

Brian acenou de volta com o entusiasmo especial que reservava às crianças.

– Ah, olha só aquela pequena! Ei, Jeannie, ela está dando tchau para você! Deve achar que você é uma princesa!

Jeannie levantou a mão obedientemente, acenou e tentou colocar um sorriso no rosto. O que só intensificou a sensação preocupante de que ela estava *interpretando* uma noiva. Que aquele não era seu casamento de verdade. Que aquilo não estava acontecendo.

– Parece que não faz nem dez minutos que você tinha a idade dela! – disse Brian com um suspiro. – Inventando musiquinhas engraçadas pra gente no ukulele. Cantando o dia todo. Pouca coisa mudou, não foi?

Jeannie manteve o sorriso, apertando os lábios, tentando conter os pensamentos loucos que teve ao ver a placa LONGHAMPTON 4 KM.

Estavam quase chegando. *Quase chegando*. O que ela ia fazer?

– Jeannie? – Seu pai parecia preocupado. – Você está bem?

– Eu... – Ela expulsou as palavras. – Eu só... só estou...

Para seu desespero, Brian ainda não desconfiava de nada.

– É normal ficar um pouco nervosa, querida. Seu tio Charlie teve que fechar os botões para mim porque minhas mãos estavam... – Ele agitou as mãos diante dela. – Sua mãe estava atrasada... Eu achei que ela não fosse aparecer! Mas ela só tinha rasgado a meia-calça, porque entrou no carro muito rápido. – Ele soltou um suspiro, a lembrança suavizando seu olhar. – Aposto que é difícil de acreditar, olhando pra gente agora, duas cabras velhas, que um dia fomos exatamente como você e o Dan! Mas fomos, sabia?

O coração de Jeannie afundou. Aquela era a pior coisa que seu pai poderia ter dito, porque a obrigava a confrontar o pensamento que tentava evitar havia semanas: o de que, na verdade, ela e Dan *não* eram como seus pais.

De repente ela viu a imagem da mãe, Sue – pequena e forte, sempre ocupada –, e automaticamente imaginou o pai de macacão ao lado dela, assoviando alguma música country até Sue implorar a ele que parasse. Era impossível imaginá-los separados. Eles riam e brincavam e às vezes enlouqueciam um ao outro, mas a verdadeira comunicação entre os dois acontecia sem palavras: uma linguagem de pausas e olhares construída pelos anos que se seguiram ao acidente terrível de Sue, quando todos os McCarthys tiveram que aprender um jeito novo de ser uma família. Era *isso* que significava “na saúde e na doença”, pensou Jeannie. Na alegria e na tristeza – não era um clichê, era real. A vida martelara o amor de seus pais como uma ferradura em brasa, mas o sentimento só ficara mais forte a cada golpe. E não teria sobrevivido de outra forma. *Eles* não teriam sobrevivido.

Uma sensação de vazio cresceu dentro dela. Como poderia prometer aquilo a Dan? Não o conhecia o suficiente. Não *se* conhecia o suficiente.

Com essa percepção, Jeannie de repente sentiu como se a cabeça fosse se soltar do corpo e sair voando. Mas *como* desistir de algo assim agora, a minutos da cerimônia? Ela não podia fazer isso. Havia muitas pessoas envolvidas. E Dan! Como poderia fazer isso com Dan?

A ideia de magoá-lo a deixou enjoada. Ele não merecia aquilo.

Jeannie respirou com dificuldade mais uma vez, e outra, e outra. O oxigênio não chegava ao cérebro. O colar de pérolas que tinha pegado emprestado da mãe subia e descia em seu colo enquanto ela arfava como uma duquesa histórica de *Downton Abbey* – um pensamento totalmente aleatório.

Quando pegaram uma entrada da rodovia, Jeannie viu mais uma placa: LONGHAMPTON 2 KM. Faltavam poucos minutos. Literalmente, minutos.

– Pai.

Jeannie não sabia de onde vinha sua voz, devia ter aberto caminho através das costelas esmagadas pelo vestido.

– Será que a gente pode... parar em algum lugar? Só um pouquinho?

Com grande pompa, Brian ergueu o pulso esquerdo e olhou as horas. Tinha colocado o relógio de ouro do pai, em homenagem à ocasião.

– Não vejo por que não poderíamos. Estamos adiantados, de acordo com seu cronograma, não estamos?

Ele se inclinou para a frente e bateu no vidro, deslizando-o para o lado.

– Com licença, amigo, se importa de parar um pouquinho quando puder? Estamos um pouco adiantados e minha filha não quer chegar antes do noivo!

Uma pequena parada se aproximava daquele lado da estrada, uma área sombreada por árvores, com uma lixeira transbordando e uma placa indicando uma trilha. Jeannie nunca se sentira tão aliviada ao ver uma parada. O motorista sinalizou, estacionou embaixo de uma árvore e desligou o motor. Um silêncio poeirento encheu o carro.

Tem que ser agora, pensou Jeannie, mas não sabia como começar.

Este sempre fora seu problema: se fazer ouvir. A questão era apenas uma piada quando ela era pequena (*Desembucha, Jeannie!*), tinha virado um problema no ensino fundamental (*Jeannie? Está acordada?*), mas deixara de ser na adolescência, graças a sua melhor amiga, Edith, que falava pelas duas. Em momentos de estresse, dava um branco na mente de Jeannie. Na de Edith, nunca.

Para seu alívio, o pai pigarreou, meio sem jeito.

– Olha, foi até bom termos parado – começou ele. – Tem uma coisa que eu preciso pedir. Não me leve a mal... É um negócio que eu li num daqueles livros de etiqueta para casamentos que sua mãe pegou na biblioteca.

Ele segurou as mãos da filha, dessa vez com uma solenidade doce, em um gesto tão antiquado que Jeannie mal conseguiu encará-lo. Seu coração batia forte.

– Se você tiver alguma dúvida quanto a se casar, por menor que seja, fale agora – disse Brian. – Não é tarde demais.

O vento soprou nos ouvidos dela: uma explosão intensa de pânico.

E alívio. O puro alívio de ouvir o pai dizer aquilo. Como ele sabia? Será que tinha visto no rosto dela? Como ele a conhecia bem!

Eles ficaram se olhando, até que a expressão gentil de Brian se desfez abruptamente, dando lugar ao choque pela gratidão inesperada que viu nos olhos dela.

– Jeannie? – disse ele, hesitante.

Então a mente veio socorrer seu coração. O pai dizer aquilo era uma coisa, mas como ela poderia cancelar tudo agora? Além de todos os conhecidos, que já deviam estar chegando à prefeitura... o que faria quanto ao dinheiro gasto com a festa? No jardim do hotel, os fornecedores já estavam preparando o salmão defumado, o champanhe gelando no balde. O DJ estava a caminho, vindo de Birmingham. A playlist que ela havia feito com tanta dedicação, a primeira dança escolhida... Meu Deus, o bolo! O bolo de 300 libras esterlinas! Ao pensar em quanto tudo aquilo tinha custado para os pais, para a mãe de Dan e para o noivo, Jeannie sentiu as axilas pinicarem com a transpiração excessiva. Eles economizaram como puderam, mas mesmo assim seriam milhares de libras jogados fora.

– Jeannie?

A voz do pai estava alguns tons mais aguda que o normal. Ele claramente não esperava que ela ficasse em silêncio, mas agora precisava lidar com a situação.

Ela baixou a cabeça e a levantou de novo, bem devagar. O aceno afirmativo mais lento de toda a sua vida, um gesto simples que destruiria o dia de uma pessoa. Que lhe trouxe mal-estar, inebriamento e alívio ao mesmo tempo.

O pai, que nunca falava palavrão, falou um, baixinho. Ela quase riu. Brian parecia totalmente atordoado.

– Você está dizendo que... que tem certeza de que quer se casar com Dan ou que... que quer cancelar tudo?

– Não posso me casar com Dan.

Quando as palavras saíram, uma leveza se espalhou dentro dela. Pronto. Estava feito. E era o certo a fazer. Era terrível, vergonhoso, assustador... mas era o certo.

– Santo Deus! – Brian soltou um suspiro demorado. – Posso perguntar... por quê?

Essas questões emocionais não eram exatamente o forte do pai, mas Jeannie sabia que ele nunca se esquivava de tarefas difíceis. Principalmente quando envolviam pessoas que amava.

Ela tentou organizar os pensamentos incertos tanto para si mesma quanto para o pai.

– Dan é maravilhoso. – As palavras soaram vazias. – Ele não fez nada errado, pai. Mas... os votos são para sempre. E a gente se conhece faz só um ano.

Sério? Colocando naquelas palavras, parecia ridículo. Por que não pensou nisso antes de dizer sim? Era o que qualquer um teria dito. A verdade era que Jeannie não tivera mesmo muito tempo para pensar, ali na ponte do Brooklyn, no auge do fim de semana romântico em que se sentira embriagada de felicidade. Nem naquele momento nem depois, quando os cartões de felicitações pelo noivado começaram a chegar, ou mesmo quando a mãe de Dan mandou para ela um planner de casamento.

– Nem sempre depende de tempo, querida. – Brian falava com a testa franzida, como se estivesse incerto se deveria mesmo tranquilizá-la. – Sua mãe e eu namorávamos fazia apenas alguns meses quando eu fiz o pedido. Sei que tem sido um turbilhão, mas as coisas são diferentes hoje em dia com essa coisa de internet... talvez seja até melhor, se vocês escolheram um ao outro entre milhões de pessoas num site...

– Não sei explicar, pai. – Ela sentia a garganta seca. – Eu queria saber. Queria mesmo.

A voz na cabeça de Jeannie lhe dizia que era melhor que tentasse explicar, e logo. Precisava dar *algum* motivo para a humilhação que causaria a Dan. Será que seria melhor fingir uma apendicite, como na vez que tentara se livrar de ir para o acampamento dos escoteiros? Por favor, Deus, pensou, me arranja uma apendicite neste instante. Ou algo mais leve, desde que obrigue meu pai a me levar para o pronto-socorro e não para a prefeitura.

Ao pensar nisso, a vergonha rastejou por sua pele. Além de tudo, ainda era covarde.

O motorista deu uma tossidinha discreta para lembrá-los da hora e Jeannie enfiou o rosto nas mãos, nervosa.

– Me desculpa, pai, esquece o que eu disse. É só nervosismo! Eu vou me casar, e aí depois, se por acaso eu descobrir que não era só isso, podemos pedir o divórcio quando...

– Não! – Brian ficou horrorizado. – Não, você não pode jurar coisas em que não acredita! Isso seria zombar do amor, de tudo. E como Daniel se sentiria sabendo que você mentiu diante de todo mundo?

Eles ficaram se olhando, atarantados, duas pessoas atravessando um rio sem fazer ideia da profundidade da água, mas sem alternativa senão seguir atravessando, agora que tinham começado.

– Você o ama?

Uma pergunta simples. Jeannie engoliu em seco. Alguns meses antes, ela teria dito que sim sem pestanejar. Dan era a prova de que existia amor à primeira vista. Mas, conforme as semanas iam passando, ela não pôde deixar de sentir que faltava alguma coisa, que havia algum cantinho secreto de sua alma que ele não alcançava. Não em relação aos planos para o futuro dos dois, ele era bem aberto quanto a isso, mas... seus medos, talvez? Seus defeitos? Havia alguma parte de seu passado de que não se orgulhava? Ironicamente, eles sabiam vários fatos aleatórios um sobre o outro, graças às longas conversas on-line que tiveram antes mesmo de se conhecerem pessoalmente (chá ou café?, cachorro ou gato?), mas Jeannie às vezes se perguntava o que *não* sabia sobre ele. Dan falava muito pouco sobre o passado, e, desde o noivado, os fins de semana haviam sido tão cheios de provas de doces e planejamento de decoração que os dois não tinham tempo para aqueles momentos de tédio das noites de domingo, em que escapam vislumbres do ser humano que está por trás do personagem que representamos em encontros. Jeannie não escondia nada sobre si, nem saberia fazer isso, mas ultimamente vinha percebendo que Dan tinha um sorriso fofo a que recorria quando queria evitar algum assunto.

O pai ainda estava esperando uma resposta. *Ela amava Dan?* É possível amar de verdade alguém que não conhecemos por inteiro?

Uma voz triste veio de algum lugar fora dela:

– Não sei.

Uma pausa longa. Duas palavrinhas, capazes de criar o caos.

– Tem certeza?

Jeannie assentiu.

– Meu Deus... – Brian esfregou os olhos, depois respirou fundo. – Bom, vamos resolver as coisas. Você quer que eu ligue para o Dan? Ou quer que eu vá até lá conversar com ele?

Como Dan reagiria? Será que choraria? Será que ficaria com raiva? Jeannie percebeu que não sabia. Nunca o tinha visto lidar com más notícias.

– Vou ligar. – Brian estava pensando em voz alta. – Vou avisar que a gente

precisa conversar, assim ele se afasta da mãe e dos padrinhos, aí depois ligo de novo e explico como você está se sentindo. Feito isso, a gente liga pra sua mãe e... e vê o que faz.

– Não, pai. – Jeannie estufou o peito, e o corpete beliscou a pele sensível debaixo dos braços. – Preciso fazer isso eu mesma. Vou ligar pro Dan, vou pedir a ele que vá até um lugar calmo pra gente poder conversar e aí... aí eu falo.

Brian quis protestar, mas desistiu quando Jeannie balançou a cabeça em súplica, implorando ao pai que não apagasse a chama frágil de sua determinação. Ele suspirou, com tristeza dessa vez, e apertou a mão dela.

– Você podia ter conversado com a gente sobre isso antes, querida, mas, se não tem certeza, é a coisa certa a fazer. Você não pode se casar se tem dúvidas, só deve prometer o futuro a uma pessoa se você não consegue conceber sua vida sem ela. – Ele lhe deu um beijo na cabeça. – A honestidade é sempre o melhor caminho.

Jeannie não se sentia honesta. Sentia-se uma grande babaca, isso sim.

– Me desculpa, pai.

– Pelo quê?

– Por desperdiçar esse dinheiro, pela vergonha e... pela confusão de fazer todo mundo vir até aqui e...

– Quê? Não tem ninguém lá que prefira ver você se casar com um homem que não ama só para aproveitar os comes e bebes. – Brian soltou um suspiro demorado. – Certo, vamos acabar logo com isso.

Ele se enrolou com a porta e, quando conseguiu abri-la, Jeannie inspirou o mais fundo que conseguiu. O que não foi muito, por causa do corpete, mas deu para sentir o ar fresco pela primeira vez naquela manhã.

– Está tudo bem? – perguntou o motorista enquanto Brian a ajudava a descer.

– Sim, tudo bem. Tudo bem! – Sua voz deu uma leve esganiçada. – Só vamos conferir uma coisa sobre o local da festa!

Por que ainda estava mentindo? Aquilo devia acontecer com mais frequência do que ela imaginava, certo? Jeannie não seria a primeira pessoa daquela cidade a cancelar um casamento.

Mas no dia do casamento? Quase na porta da igreja?

Brian segurou a bolsinha incrustada de pérolas para que a filha procurasse

o celular. Estava enfiado entre o batom novinho, o pó, os grampos de cabelo e as balas de hortelã. Sentiu uma pontada ao ver a proteção de tela: uma selfie dela com Dan, os dois rindo para a câmera, com Manhattan brilhando atrás e um futuro dourado se estendendo à frente deles. Ela tocou no contato dele e levou o aparelho ao ouvido.

Sua cabeça ecoava o vazio enquanto esperava. Alguém tinha enfiado uma embalagem de batata frita numa brecha da cerca viva. Sabor sal e vinagre. Jeannie não fazia ideia de como começar aquela conversa.

Uma pausa microscópica e seu coração parou – até perceber que Dan não tinha atendido: a ligação caiu direto na caixa postal. O pânico varreu sua mente, fazendo desaparecer qualquer palavra ou pensamento.

A voz dele, gravada, estava ali em seu ouvido, familiar e gentil, com um toque de sofisticação: “Olá, aqui é Dan Hicks. Desculpe, mas não posso atender agora. Por favor, deixe sua mensagem após o sinal.”

A enormidade do que estava prestes a fazer a deixou tonta. Tudo ia mudar depois que pronunciasse as próximas palavras. Tudo. Agora. Diga alguma coisa.

– Dan, sou eu, Jeannie. – Sua voz soava fraca, o sotaque mais escocês que o normal, a voz de uma estranha. – Pode me ligar assim que ouvir essa mensagem? Preciso falar com você sobre uma coisa importante. Eu não...
– Ela fechou os olhos. – Me liga, por favor.

Então tocou a tela com um dedo trêmulo e acertou o ícone vermelho na segunda ou terceira tentativa. Pronto.

Ao se virar, ela viu o pai a olhando. Apesar da testa franzida sob a cabeleira branca, ele tentou dar um sorriso de incentivo. Não foi uma boa combinação.

- Conseguiu, querida?
- Deixei uma mensagem.
- Muito bem.

Talvez fosse melhor ele não ter atendido, Jeannie disse a si mesma. Assim Dan teria tempo para se preparar e ela teria tempo para arranjar um motivo melhor do que “Tem alguma coisa errada”. Ela olhou para o próprio reflexo embaçado na pintura reluzente do carro. Seria tarde demais para alegar uma intoxicação alimentar? Ela bem que se sentia capaz de vomitar a qualquer momento.

- E agora? – Brian pigarreou. – A gente... a gente espera aqui, até ele ligar?
- Acho... que sim?

Mas e se Dan tivesse desligado o celular para a cerimônia? Ele não ouviria aquela mensagem. Ficaria lá, esperando sua chegada, e Jeannie teria que fazer aquilo de novo. Na porta da prefeitura. Diante de todo mundo.

- Vou tentar de novo, talvez ele estivesse em outra ligação.
- E se ele tentar ligar? – começou Brian.

Mas ela já estava ligando, por medo de que aquele último pingo de coragem fosse embora. Ela não queria humilhar Dan. Não mesmo.

A ligação foi direto para a caixa postal mais uma vez, mas ela começou a falar assim que ouviu o sinal:

– Dan, sou eu. Por favor, não vá até a prefeitura. Não posso me casar. Eu sinto muito. Sinto muito, muito *mesmo*. Por favor, me ligue assim que ouvir isso.

Será que tinha feito o certo ao deixar aquela segunda mensagem? Bem, agora era tarde demais. Seu estômago se agitou com uma confusão de emoções: medo, vergonha, pânico... Mas uma voz lhe dizia que tinha feito a coisa certa. Embora isso não a fizesse se sentir muito melhor.

O pai apontou com a cabeça para o carro.

- Melhor esperar no conforto, não acha?

Ela entrou um pouco desajeitada no banco de trás enquanto o pai se dirigia até a janela do motorista para explicar a situação discretamente.

– Jeannie? – sussurrou Brian ao entrar e se sentar ao lado dela. – Você tem o telefone do padrinho? Talvez seja melhor ligar para ele, se Daniel demorar.

- Sim, tenho no meu celular. O nome dele é Owen. Owen Patterson.

Jeannie abriu a bolsinha ridiculamente minúscula, mas, justo quando estava pegando o celular, o aparelho começou a tocar. Seu coração disparou, mas não era Dan.

Owen, dizia a tela.

– É ele. É o nosso padrinho. – Ela ficou olhando para o celular, sem saber o que fazer. – Por que ele está me ligando?

- Quer que eu atenda?

Jeannie entendeu o que o pai quis dizer: e se o padrinho estivesse ligando porque Dan ouvira a mensagem e não conseguia falar? Ela gelou. O que ela tinha feito era real.

– Não... eu atendo.

Ela tomou coragem e tocou a tela com a mão trêmula.

– Owen?

– Jeannie! Onde você está?

A voz não lhe soou familiar. Ela havia conhecido o melhor amigo de Dan apenas na noite anterior, no jantar, e se falaram pouco.

– Estamos no carro. Paramos porque estávamos um pouco adiantados...

Não mais: agora, estavam atrasados. Devia ser por isso que Owen estava ligando.

– Graças a Deus. – Ele parecia aliviado. – Olha, por favor, não entre em pânico, mas não vá até a prefeitura. Aconteceu uma coisa. Eu avisei à cerimonialista e ela vai mandar os convidados para a recepção.

– O quê? O que aconteceu?

Brian pegou a mão da filha, mas Jeannie foi tomada por uma euforia inesperada: não é que o destino tinha vindo em seu socorro?! Sua mente disparou, imaginando qual teria sido o ato divino. Uma inundação? Falta de luz? Não importava. Estava salva! Teria tempo para consertar seu erro...

– Jeannie, aconteceu um acidente – disse Owen com cautela. Ela ouviu vozes ao fundo, uma sirene. – Mas vai ficar tudo bem, eu prometo.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

